

Para citação: **LITTERA ONLINE**. Cinco perguntas para Van Dijk. Número 3, 2011.

## **CINCO PERGUNTAS PARA VAN DIJK**

por Luís Rodolfo Cabral

*Luís Rodolfo Cabral: O racismo sempre foi tema de seu interesse. O senhor organizou uma compilação de artigos sobre o racismo nos países da América Latina e, já no prefácio, avisava que, dada às limitações do espaço, foi possível incluir apenas oito capítulos, correspondentes a oito países, e que o critério de escolha foi o tamanho populacional e a presença de afrodescendentes e indígenas. Adverte ainda que esses países incluídos na obra não são nem mais nem menos racista que qualquer outro país da América Latina. O discurso racista nos países de Terceiro Mundo/ em desenvolvimento se materializa de maneira diferente em comparação aos países de Primeiro Mundo/ desenvolvido?*

Van Dijk: Claro que o racismo em cada país se manifesta de forma diferente, dependendo da história do racismo, da escravidão, das imigrações, do colonialismo, etc. Mas, em geral, o racismo na América Latina é um racismo europeu. As variações dependem, por exemplo, da situação dos indígenas e dos afrodescendentes em cada país, se houve mais resistência ou não contra essas práticas racistas. Apesar das diferenças, para mim, o que é muito interessante é que os discursos, preconceitos e ideologias racistas na Europa são muitos similares aos dos discursos que circulam nos vários países de América Latina.

*LRC: No Brasil, há pelo menos duas grandes vertentes teóricas de Análise do Discurso: uma dita de tradição francesa que toma por matriz teórica os trabalhos de Pêcheux; e outra, mais recente, chamada Análise de Discurso Crítica, cujo fundamento se encontra na proposta de Fairclough e à qual os trabalhos do senhor aparecem frequentemente como fonte de referência. Qualquer que seja a perspectiva teórica adotada, a Análise*

*do Discurso pretende uma desnaturalização do olhar sobre o mundo – o termo “Análise de Discurso Crítica” não traria, então, a implicitude de que as outras vertentes são não-críticas, ou seja, “ingênuas”? Como o senhor vê essas diferentes perspectivas de estudo do discurso?*

VD: Infelizmente no Brasil e em outros países da América Latina ainda existe essa categorização da ciência em "linhas" teóricas *geográficas* como a “escola francesa” ou “escola inglesa”. Acho uma situação totalmente inconsistente com a universalidade da pesquisa. Um pesquisador precisa conhecer a melhor bibliografia internacional sobre o tema que pesquisa - um estudo só com bibliografia francesa, por exemplo, pode ser incompleto. Aliás, Pêcheux morreu faz muito tempo, e depois dele, há muitas outras pesquisas importantes, não só França, mas também em outros países. Em geral, também acho ruim a admiração pessoal de gurus, como Foucault, Pêcheux ou Fairclough. Uma boa pesquisa não se limita cegamente às grandes figuras, aos grandes nomes, mas intenta ser original, e usar a melhor bibliografia internacional sobre o assunto. Quanto à Análise Crítica do Discurso, o termo só quer dizer que é um tipo de AD que está estudando o abuso de poder, a dominação pelo discurso. Qualquer pesquisa que enfoca esse tema é chamada "crítica" e as outras não, pelo menos não no sentido sociopolítico de uma forma de pesquisa que pretende contribuir à resistência contra o abuso de poder.

*LRC: Em “Discurso e poder”, o senhor considera a manipulação como uma prática comunicativa e interacional na qual o manipulador exerce controle sobre outras pessoas, em um processo que envolve abuso de poder e dominação. Nos estudos da área de comunicação social, a manipulação é uma categoria de estudo controversa em se tratando de mídia – há quem problematize a manipulação por considerar que a mídia, como instituição, se constrói de modo negociado, entre conflitos e concessões, com o público, e que os sujeitos têm a consciência da escolha. Em que termos o senhor considera a manipulação como prática comunicativa efetiva para a dominação? E como ficaria o caso da mídia - pode-se falar em manipulação nesse caso?*

VD: A dominação pode-se (re)produzir por diferentes práticas – não somente discursivas. Quando falo de manipulação, me refiro às situações em que, grosso modo, um discurso está intencionalmente manipulando as representações dos ouvintes ou leitores/as de acordo com o interesse do autor, por exemplo, comunicando crenças falsas ou, pelo menos, meio-falsas. É claro que os políticos e os meios de comunicação manipulam os modelos mentais e atitudes dos cidadãos quando eles apresentam uma imagem enviesada da sociedade, nos interesses de grupos dominantes, e contra os interesses da sociedade civil. As pessoas podem escolher o jornal, mas, uma vez que eles leem um jornal, não podem escolher o conteúdo - e também não podem escolher um jornal que não existe. Na minha pesquisa de 30 anos sobre racismo no discurso público, eu encontrei diversas formas de manipulação utilizadas pelos políticos e jornalistas, por exemplo, quando culpam os imigrantes da má situação econômica ou da delinquência no país.

*LRC: Os estudos sobre ideologia, na perspectiva das Ciências Sociais, tendem a se ater às mais variadas questões, quais sejam as mais recorrentes: classe, grupos dominantes, movimentos sociais, poder, política econômica, gênero e cultura. Qual a importância de se levar a discussão para o campo da linguagem, e de se pensar ideologia com base na tríade Cognição, Sociedade e Discurso?*

VD: A AD hoje é muito mais multidisciplinar, e não só lingüística, mas também cognitiva, social, política, cultural e histórica. O triângulo Cognição, Sociedade e Discurso inclui todas essas dimensões dentro do componente Sociedade. O que a teoria tradicional da ideologia havia ignorado foi a dimensão sociocognitiva e o papel do discurso, importantes na (re)produção das ideologias. Por exemplo, nunca tivemos uma descrição dos conteúdos e da estrutura das ideologias, nem estudos mais empíricos de sua formação, aquisição, e reprodução. A teoria tradicional é mais filosófica e abstrata, e não uma teoria empírica científica; não permite, por exemplo, uma análise sistemática da ideologia do discurso.

*LRC: Para finalizar: quais são seus projetos em desenvolvimento?*

VD: Desde os anos 1980 estou trabalhando sobre tudo dentro do marco dos Estudos Críticos do Discurso: primeiro sobre o tema do racismo e sua produção discursiva a sociedade, depois também sobre notícias no jornal, poder, ideologia e contexto. Meu projeto atual é sobre discurso e conhecimento. Há muitos livros sobre conhecimento em diferentes disciplinas e há muitos também sobre discurso, mas não há nenhum trabalho sobre a combinação de essas duas noções fundamentais das ciências humanas e sociais. Por isso, esse meu próximo trabalho será um livro multidisciplinar, com capítulos sobre a lingüística, psicologia cognitiva e social, sociologia e antropologia do conhecimento - sempre desde a perspectiva do papel do discurso nessas diferentes áreas. Para mais detalhes, pode-se consultar livros e artigos na minha página [www.discourses.org](http://www.discourses.org).

---

Teun A. van Dijk é professor da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha) desde 1999. É doutor em Linguística pela Universidade de Amsterdã (Holanda). Foi editor-fundador das revistas *Poetics*, *TEXT*, *Discourse & Society* e *Discourse Studies*. Desenvolve trabalhos nas áreas de Linguística Textual, Análise do Discurso e Análise de Discurso Crítica.